A ESCOLA E A VIOLÊNCIA

CLEIDELI DA SILVA BRUNELLI

RESUMO
Com esse artigo queremos mostrar que a educação começa com a família que é o primeiro pilar para que ela aconteça, dando continuidade na escola que é responsável pela formação e preparação do educando para que este possa atuar com civilidade na sociedade em que está inserido. A violência nas escolas tem se tornado um dos problemas mais sérios enfrentados pela educação, refletindo ainda em outros espaços sociais, nos quais a pessoas se tornam testemunhas e vítimas. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, dependência tóxica, promiscuidade, desagregação familiar, demissão do papel educativo dos pais, são as principais causas que deterioram o ambiente familiar. Pessoas que vivem esses problemas familiares são alvos fáceis de violência. Existem famílias que participam diretamente na violência que ocorre nas escolas, pois acusam os professores de não conseguirem "educar" seus filhos, instigando assim a agressividade e agredindo professores e funcionários. Atualmente, a intolerância e a agressividade apresentam-se como uma constante no cotidiano da população e a escola torna-se uma alternativa, não para operar milagres em um mundo de incertezas e perplexidades, mas pela compreensão dos problemas para que se possa equacioná-los. Para essa pesquisa estudamos autores como: SPOSITO (2001); DUTRA (2007); GOENAGA (1998), entre outros. Esses autores tornaram possível atrelar esse artigo ao Projeto Político e Pedagógico da unidade escolar.
Palavras-chave: Educação; Escola; Violência; Família.

ABSTRACT
With this article we want to show that education begins with the family, which is the first pillar for it to happen, continuing the school that is responsible for the education and preparation of the student so that he can act with civility in the society in which he is inserted. Violence in schools has become one of the most serious problems facing education, reflecting on other social spaces, in which people become witnesses and victims. Poverty, domestic violence, alcoholism, toxic dependence, promiscuity, family breakdown, dismissal of parents' educational role, are the main causes that deteriorate the family environment. People who experience these family problems are easy targets for violence. There are families that participate directly in the violence that occurs in schools, as they accuse teachers of failing to "educate" their children, thus instigating aggression and assaulting teachers and employees. Currently, intolerance and aggressiveness appear as a constant in the daily lives of the population and the school becomes an alternative, not to work miracles in a world of uncertainties and perplexities, but by understanding the problems so that they can be solved. . For this research we studied authors such as: SPOSITO (2001); DUTRA (2007); GOENAGA (1998), among others. These authors made it possible to link this article to the Political and Pedagogical Project of the school unit.
Keywords: Education; School; Violence; Family.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a mídia e os meios de comunicação audiovisual retratam cenas violentas a todo instante, incluindo a violência que acontece na escola. Mostra, porém que os papeis estão mais do que invertidos, visto que no passado eram os professores que tinham métodos violentos para lidar com os alunos, e, agora, esses educadores é que sofrem com as agressões vindas por parte dos alunos e de seus familiares. Sem falar na pressão que o sistema educacional exerce, apontando todos os problemas da educação como sendo culpa dos educadores.

A violência é um problema que atinge nossa sociedade, em sua grande maioria é protagonizada por jovens que adquirem formas diferentes de se vestir, agir ou pensar.

Precisamos pensar em violência como uma forma de abrir os olhos para compreender e erradicar a sua presença, porque ela se manifesta de diversas formas: física, sexual ou

psicológica (negligência e abandono).

Qualquer tipo de violência tem consequências a curto e a longo prazos, e elas variam de problemas físicos à conduta criminal e violenta, no futuro. Enquanto sociedade precisamos nos conscientizar de que violência é reação, porque não existe violência sem motivo.

O desrespeito é um fato principal para se cometer a violência, consequência de injustiças, sejam elas sociais ou de fator econômico.

Podemos combater a violência quando diminuímos o desrespeito, porque o respeito ao ser humano tem de estar sempre em primeiro lugar.

Para Dutra (2002), são duas as raízes que precisamos combater: a) Excesso de liberdade de expressão na TV (Libertinagens e desrespeito familiar); b) Falta de transparência na gestão pública e nos impostos em geral.

Atualmente, o jovem apresenta problemas que deveriam ser direcionados para a saúde mental infantil e adolescente, porque muitas vezes, a escola não tem como resolver os problemas que são de sua competência, porque na verdade, muitos alunos são potencialmente violentos e a escola é sentida como uma imposição por parte da família ou do Estado.

Esses alunos encaram a escola como um local de constrangimento e de repressão de seus desejos. Há ainda aqueles que conseguem permanecer na escola sem grandes problemas, no entanto, os que se revoltam, acabam por contrariar as regras que a escola apresenta e se voltam contra professores, funcionários e direção.

Ao consumir drogas no interior da escola eles estão desafiando todos os funcionários, pois não tem nenhuma perspectiva e motivação e acabam se voltando contra tudo e contra todos.

Grande parte dos alunos, principalmente das redes públicas, descende de famílias de várias regiões do país e com baixo poder aquisitivo, o que propicia à violência.

Um dos objetivos básicos da educação é preparar os alunos para serem cidadãos de uma sociedade plural, democrática e tecnologicamente avançada e que nossos alunos já trazem consigo uma carga de informação e conhecimento muito grande que tornam o trabalho de ensinar um desafio cada vez maior.

A culpa pela violência não pode ser atribuída à escola, professores e alunos, mas sim é preciso identificar a que tipo de violência está sendo submetida e até que ponto isso interfere no rendimento escolar.

Para Abromovay violência pode ser definida como:

...golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo...incivilidades como humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; - violência simbólica ou institucional compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos. (ABROMOVAY, 2002, p. 69).

Podemos ainda observar na cultura juvenil a busca de identidade que os jovens querem, tentando ser diferentes de suas gerações antecedentes. Eles questionam as ideias nas quais a sociedade se fundamenta, questionando ainda a ausência de normas, pois possuem capacidades e querem inovar e mudar a ordem da realidade existente. Esses jovens consomem os meios de informática e audiovisuais, principalmente a Internet, jogos pelo computador, televisão e música.

Peralva acredita que:

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a autorreprodução de uma cultura da violência.

(PERALVA, 1997, p. 20, apud LUCINDA, 1999, p. 32).

Essa vertente de violência na escola se dá porque o aluno não assimilou as regras básicas de convivência social e acredita que tudo é permitido. Com isso alunos que não tem disciplina e não tem educação atormentam professores, fazendo com que não consigam controlar a baderna em sala de aula.

Atualmente, os pais, devido à grande preocupação em proporcionar sempre o "melhor" para seus filhos, não tem tempo de supervisionar o que eles estão vendo ou fazendo, deixando-os muito à mercê dos meios de comunicação, não conseguindo por si só ensinar a diferença do que é certo ou errado.

Ainda falta trabalho, habitação, serviços sociais básicos, que colaboram com a desagregação de valores essenciais dentro e fora da família, e a escola por sua vez não exerce qualquer tipo de motivação, com isso determinados grupos de indivíduos cultivam a agressividade frente à sociedade que gerou déficits tão profundos.

Estamos vivendo em uma sociedade capitalista, dominada pelo progresso, na qual existe uma competição que leva as pessoas a quererem sempre mais, e com isso há aqueles que buscam caminhos ilícitos.

Conviver com drogas, tráfico, prostituição, detenção familiar, violência doméstica, furtos, precárias condições de vida, entre outros, é a realidade de muitos de nossos jovens. Esses jovens, na verdade, sofrem com a ausência de referências positivas.

Sabemos que educar exige criatividade, flexibilidade, saber ouvir e impor limites, quando se trata de teoria parece fácil, no entanto na prática sabemos que é muito diferente.

Transformamos situações simples do cotidiano em problemas gigantes, pelo medo de errar, e isso vai nos acompanhar por muito tempo. Porém, há alguns anos a tarefa de educar era mais simples, pois existiam regras rígidas, quase dogmáticas, mas que também estavam longe de serem as ideais.

Com a globalização, o avanço da tecnologia, o vasto acesso à cultura e tantas informações sobre o processo educativo, educar tornou-se um ato mais complexo, porque teoria e prática distanciam-se cada vez mais.

Precisamos validar o diálogo, o respeito, o companheirismo e a comunicação porque são essenciais para o desenvolvimento dos jovens, temos de impor limites e disciplina, criando regras justas e não regras inflexíveis, porque a agressividade e o autoritarismo poderão gerar rancores, hostilidades, rejeição e rebeldia.

A violência é um produto humano que deteriora a vida social, contaminando toda sociedade. Ela invadiu todas as esferas de nossas vidas, no nosso cotidiano, ela está presente nas relações com as pessoas, em nosso corpo e em nossa mente. Na rua, nas escolas, nas famílias, na mídia.

Para Dufourmantelle:

...quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre a de uma indefinível inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe... (DUFOURMANTELLE, 2003, p. 28).

O aluno precisa se sentir acolhido, pois já estaremos iniciando um trabalho que irá ajudar a evitar comportamentos agressivos, violentos. Não é possível esquecer que só poderemos combater a violência com justiça, reconhecendo, respeitando e resgatando o direito do cidadão, principalmente o direito de ter uma vida digna.

Temos que identificar os tipos de violência, pois é necessário que esses alunos percebam que a escola é uma esperança para a mudança, dando-lhes esperança, motivação e prazer.

Conscientizar toda equipe escolar sobre seu trabalho e a diferença que causará na vida desses jovens promovem valores éticos e morais, que diminuirão a violência, porque precisam perceber o quão importante serão para a sociedade, contribuindo com respeito, fraternidade e solidariedade.

Ao resgatarmos atitudes de cooperação, participação, responsabilidade, altruísmo, tolerância, sensibilidade e comprometimento podemos abandonar a intolerância, a agressividade, os atos de transgressão entre outros.

Na escola as crianças acreditam encontrar seus colegas de brincadeiras, professores

que os acompanharão por alguns anos e tecerão relações afetivas, aprenderão os primeiros conceitos de forma agradável e lúdica.
Com o passar do tempo eles vão perdendo esse lado afetivo e vai surgindo mais formalidades no dia a dia, pois a troca de professores passa a ser mais constante, distanciando o relacionamento afetivo que existia entre aluno e professor nos primeiros anos de estudo.
Os problemas familiares contribuem para a violência no lar, na rua em que moram, no bairro, porque acabam transferindo esse sentimento e tentam extravasar na escola, com os colegas e professores.
Percebemos que as crianças que provêm de famílias mais estruturadas tem um comportamento diferenciado, porque tem mais acesso à cultura e a escolaridade é mais valorizada.
Sendo assim, são crianças que conseguem aprender a serem alunos com melhor aproveitamento, contrariamente, se provém de uma base familiar desagregada, com inúmeros problemas, rapidamente caminham para a reprovação, indisciplina e violência.
A violência pode vir de muitas situações e indisciplina que não foram resolvidas e que constituem a origem de um comportamento mais agressivo.
Para Sposito (2001), a violência tornou-se objeto de preocupação na pós-graduação, enquanto produção discente. Embora haja um debate intenso sobre o assunto, a autora ressalta que os pesquisadores demoram a incorporar o tema das relações entre violência e escola.
Assim, esse é mais um motivo para nos preocuparmos com o tema em questão e trabalharmos para que possa ser visto como prioridade, fazendo com que a escola seja um local onde tanto pais, como alunos e funcionários, em geral, tenham prazer de estar e a tranquilidade de se sentirem em segurança.

O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA

O ambiente escolar tem sido alvo de violências que estão diretamente ligadas aos valores culturais da sociedade, porque a mesma reflete os problemas familiares e sociais, e neles as crianças estão na maior parte de seu tempo.
É preciso resgatar o papel do professor enquanto educador, para que o mesmo possa garantir a seus alunos uma possibilidade de ascensão profissional, podendo também torná-los cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.
Ainda é muito importante que a família e a escola percebam que o ato de educar é de responsabilidade de ambos, cruzar os braços perante as situações de violência, empurrando a responsabilidade para o outro é o mesmo que concordar que essas crianças são apenas mais um na sociedade, e que não são respeitadas e valorizadas enquanto seres humanos.
A família precisa estar atenta ao comportamento de seus filhos dentro e fora da escola, precisam saber como está o relacionamento com os professores e colegas, se cumprem com suas atividades, se respeitam o próximo, se estão frequentando as aulas regularmente, e, o contato com a direção da unidade escolar e professores precisa ter uma periodicidade relevante. Ainda precisa vigiar as amizades, estando a par dos passos de seus filhos, porque quando há o comprometimento da família é muito mais fácil o papel da escola e isso contribui para o bom andamento escolar do aluno, fazendo-o se sentir importante para ambos.
Há quem afirme que a violência na escola se relaciona com a modernidade, pois o jovem hoje tem muita liberdade para sair, frequentar festas e um acesso muito fácil à internet, muito diferente dos tempos em que a criança obedecia aos pais, respeitava-os e tinha brincadeiras mais saudáveis, sem a interferência dos meios de comunicação.
Odalia (1991) aponta que a violência não está vinculada à modernidade, mas diz que a partir do momento em que o homem começou a se organizar em grupos é que a violência começou a ser praticada.
Há ainda estudiosos que defendem a relação professor aluno, acreditando que a violência no ambiente escolar pode ser modificada, desde que haja interação entre professor e aluno, pois, ambos, são peças fundamentais para o sucesso da escola e resultados positivos na educação.
O professor tem um papel fundamental no

processo ensino aprendizagem, porque não é fácil criar condições para os alunos construírem conhecimentos, precisamos que esses profissionais se comprometam com o desafio de educar, ensinar, motivar e serem criativos, tendo um bom relacionamento com os alunos, sabendo administrar conflitos, tornando o ambiente prazeroso.

Diante ao contexto atual, verificamos um processo conturbado em se tratando de política, cultura, área social e educacional. Há momentos de desencontros, desacertos, mas com esperanças de mudanças sociais e educacionais que precisam ser destacadas, observando-se a necessidade de haver flexibilidade sobre o verdadeiro compromisso do educador no relacionamento e aprendizado do aluno.

Nesse relacionamento sempre há o aprendizado de mão dupla, pois o aluno aprende e ao aprender ensina, e o professor também.

De acordo com Dayrell:

Há sempre uma circulação de conhecimentos formais e sistemáticos, de que os primeiros (professores) são titulares, como também de saberes da vida cotidiana, das formas e conteúdos culturais, de que os alunos são igualmente portadores. (DAYRELL, 1999, p. 87).

Percebemos que nessa troca de conhecimentos há relações positivas e conflitos, ainda que professores e alunos façam parte em diferentes posições e opiniões, pois estão em classes sociais diferentes, idades diferentes, e também origens diferentes, isso faz com que, muitas vezes, eles se distanciem, fechem-se em seus mundos não permitindo que os alunos se aproximem.

O BULLYING E A VIOLÊNCIA

Um dos fatores que gera muita violência é o Bullying nas escolas, gerando muitas discussões e exigindo conhecimento, reflexão, atitudes preventivas para que assim possamos desmistificar a violência na escola.

Em primeiro lugar é vista pelos alunos como uma brincadeira, porém a verdadeira intenção é intimidar, perseguir, provocar, apelidar, incomodar, e ainda espancar aqueles indivíduos ou grupos que insistem em ser diferentes.

Bullying é uma palavra de origem inglesa e sua raiz o termo bull, é um termo usado para designar uma pessoa cruel, que intimida e agride outras pessoas (Guimarães, 2009).

Para Ramos o ato bullying:

Ocorre quando um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, outro aluno. (RAMOS, 2008, p. 01).

O bullying tem como fato gerador o que é tido como diferente, tais como negros, pessoas gordas ou muito magras, tímidas, medrosas, de classe social inferior, entre outros. Não temos explicações ou justificativas para a prática do bullying, ele surge e se instala nas escolas, entre grupos e torna-se um grande problema social e educacional.

Para Fante (2005), o bullying não é um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças, trata-se de um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, propiciando sofrimento para uns e conformismo para outros.

E, podemos observar o bullying entre gangues que se juntam para “torturar” e “humilhar” outras pessoas, isso faz com que se sintam superiores e poderosos.

Para Fante essas brigas de gangues acontecem e acabam ao contrário do bullying que:

... é aquela agressão que se apresenta de forma velada, por meios de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores, prolongadamente contra a mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos. (FANTE, 2005, p. 119).

O bullying pode trazer consequências desastrosas, porque além da violência praticada os danos que os agredidos sofrem são difíceis de calcular, pois mexe com o psicológico e pode causar sequelas irreversíveis.

Para Silva (2006), o bullying é um problema sério que pode levar desde o suicídio, homicídio e dificuldades de aprendizado por parte da vítima. Essa vítima sofre calada, tem di-

ficuldades de se relacionar, sente-se inferior aos demais, provoca fobia social, psicoses, depressão e baixo rendimento escolar. Assim prevenir é a melhor forma para se evitar qualquer ameaça à vida humana.

Para Neto:

O envolvimento de professores, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visas estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. (NETO, 2005, p. 169).

Precisamos combater todo e qualquer tipo de violência, tomando providências para que não se propague. A prevenção deve começar em casa, com a educação e repasse de valores éticos e morais aos filhos, porém quando isso não é suficiente, quando não existe o diálogo entre pais e filhos, ou ainda quando as famílias não são estruturadas, cabe à escola promover essa prevenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um dos principais meios para o combate à violência, pois ensina à criança a adquirir determinados valores, tais como a compaixão, respeito, coleguismo, solidariedade etc., bem como valorizar a vida, não só a dos outros.

Sabe-se que nenhum ser humano nasce violento, ou criminoso, o seu destino não está traçado após o nascimento, seus comportamentos são fruto do ambiente a que estão expostos.

Nossa sociedade é consumista e competitiva, valoriza a aquisição de bens de qualquer forma, dando oportunidades àqueles que já possuem algo, enquanto isso os demais querem estar no mesmo patamar e partem para os atos ilícitos.

Para se promover a mudança nos atos de violência é preciso tratar o sintoma, mas antes tem que se investigar as causas.

A educação precisa basear-se em valores, normas e modelos de conduta, que poderão formar a personalidade do indivíduo, pois é necessário que nossos alunos percebam a escola com um novo olhar, um olhar de esperança, de motivação, de prazer, e, somente por meio da conscientização é que obteremos um resultado satisfatório.

Espera-se das escolas um "milagre" e esse suposto milagre não é possível, pois a escola por si só não consegue acabar, nem diminuir os índices de violência.

O profissional de educação precisa estar mais bem preparado para lidar com essas crianças. No entanto, o Estado, por sua vez precisa dar condições melhores a essas famílias para que em princípio venha de casa a prevenção da violência. Temos muitos lares desestruturados por problemas financeiros que acabam por interferir e levar essas famílias a atos de violência.

Nossa sociedade sofre transformações significativas, é temos a família como núcleo primordial de educação, porém vem delegando esse papel à escola. Todavia, nenhuma instituição poderá substituir as condições educativas da família, muito menos parecer ser a escola a responsável por ensinar valores tão necessários para o normal desenvolvimento da criança.

À escola cabe a função de passar conteúdos programáticos exigidos pelo Ministério da Educação, e, aos pais cabe ensinar a seus filhos a democracia, as regras para uma convivência saudável, o respeito pelo outro, a solidariedade, a tolerância, o esforço pessoal, entre outros.

A escola tem se esforçado para se adaptar como pode aos problemas que surgem no dia a dia, não ignorando esses conflitos, pois é responsável pelas consequências educativas de suas ações, porque não pode deixar que as crianças se transformem em futuros inadaptados ou futuro marginais, só porque não tiveram referências positivas na infância e porque diversas entidades educativas esqueceram que elas precisam de carinho e afeto.

Precisamos acreditar que outro mundo é possível e manter a chama acesa da denúncia de todas as formas de violência, acreditando numa educação que rejeite as desigualdades e o autoritarismo, cuidando para que a violência não se perpetue.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. Violência nas escolas. Brasília, Unesco, 2002, p. 69.

DAYRELL, Juarez. (Org.). In. Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte/MG:UFMG, 1999, p. 87.

DUFOURMANTELLE, Anne. Estudo, pensamento e Criação. Livro I - Escola, gestão e cultura. Unicamp, São Paulo, 2003, p. 28.

DUTRA, Valvim M. A raiz dos problemas brasileiros. Disponível em: www.renascebrasil.com.br acesso em 20 de janeiro de 2021.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005, p. 119.

GOENAGA, ARREGI F. Los Jóvenes y La violência. In Pantoja (Org.). Nuevos espacios de La educación social. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.

GUIMARÃES, J. R. Violência escolar e o fenômeno "bullying". A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes, 2009. Disponível em: http://jusvi.com/artigos/41126 acesso em 20 de janeiro de 2021.

NETO, A. A. L. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria, v.81, nº 05 (supl.), 2005, p. 169.

ODALIA, Nilo. O que é violência. 6. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PERALVA, Angelina. A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro: a violência juvenil. São Paulo, Relatório de Pesquisa/CNPq, mimeografado, 1997, apud LUCINDA, 1999, p. 32.

RAMOS, A. K. S. Bullying: A violência tolerada na escola., 2008, p. 01. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf acesso em 21 de janeiro de 2021.

SILVA, G. J. Bullying: quando a escola não é um paraíso. Jornal Mundo Jovem, 2006, ed. 364, p. 2-3.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. Caderno de pesquisa. São Paulo, 2001, v. 104, p. 58-75.